

Feminismo e Agroecologia: atuação das mulheres do “Quilombo de Thiagos” na promoção da sustentabilidade no seu território

Feminism and Agroecology: performance of the women of “Quilombo de Thiagos” in promoting sustainability in their territory

FIGUEIREDO, Priscila Silva de¹; FERNANDES, Letícia Magalhães²; CARA, Patrícia Araújo de Abreu³; LIMA, Rose Mary Pereira da Silva⁴; MADERI, Talita Ruas⁵

¹Sete Cascas - Núcleo de Permacultura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, priscila.figueiredo@uesb.edu.br; ²Sete Cascas - Núcleo de Permacultura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, leticia.fernandes@uesb.edu.br; ³Sete Cascas - Núcleo de Permacultura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, patriciaabreu@uesb.edu.br; ⁴Comunidade Quilombo de Thiagos, mary58736@gmail.com; ⁵Sete Cascas - Núcleo de Permacultura da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, taliruas@uesb.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

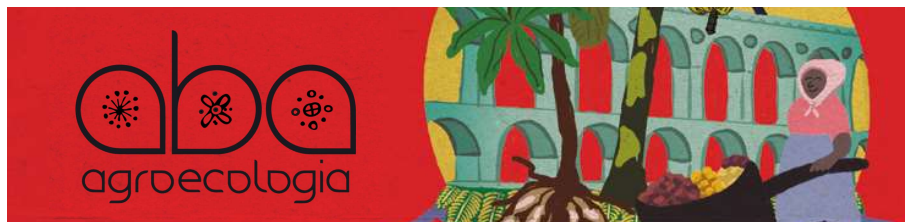
Resumo: O presente trabalho buscou analisar a atuação política e o papel sociocultural das mulheres dentro do território do Quilombo de Thiagos, município de Ribeirão do Largo (Bahia) e sua contribuição para o desenvolvimento agroecológico dentro da comunidade. Para tanto, estruturamos a pesquisa vislumbrando os enfoques epistemológicos da teoria da interseccionalidade, do ecofeminismo e do feminismo decolonial - que conduziram a metodologia da presente pesquisa empírica, qualitativa e etnográfica. Os procedimentos envolveram a observação-participante e entrevistas, com o suporte de cadernos de campo e roteiro de entrevista semiestruturada. Os resultados empíricos evidenciaram características da atuação e liderança política das mulheres e sobre seu papel dentro da comunidade apontando como são fundamentais para a promoção de práticas agroecológicas dentro da comunidade por estarem, dentre outros motivos, vinculadas ao cuidado coletivo e mais presentes dentro da comunidade.

Palavras-chave: ecofeminismo; interseccionalidade; feminismo decolonial.

Introdução

A invasão colonial e a escravidão promoveram no nosso país a morte e o sofrimento de milhares de pessoas, impactando gerações, formas de conhecimento e sabedoria ancestrais. A imposição cultural branca, europeia e etnocêntrica que fundamenta o sistema capitalista ocidental e, do ponto de vista epistemológico, o paradigma moderno do conhecimento científico, fundamentaram a violência levando à desvalorização de conhecimentos dos povos originários, afrodescendentes e outros, em detrimento de uma ciência - dita moderna - que embasou as estratégias de desenvolvimento no “novo mundo” colonizado.

O modelo de desenvolvimento capitalista moderno que permeia de modo hegemônico a nossa sociedade é, portanto, colonialista, hetero-cis-patriarcal e



racista; e só se tornou possível a partir da dominação e exploração das mulheres e da natureza (SHIVA, 1995). As premissas deste modelo de desenvolvimento se reverberam em uma crença de que a natureza não tem valor, a menos que dominada e explorada, levaram a humanidade a se aproximar de um estágio sistêmico que ameaça a integridade da vida em suas múltiplas expressões (MIES, SHIVA, 1998). Neste contexto de desafios que os povos indígenas, quilombolas, comunidades pesqueiras, de fundo de pasto e outros têm sido cada vez mais reconhecidos como guardiões dos biomas e da biodiversidade no Brasil e no mundo, em função dos seus vínculos relacionais e interdependentes com os territórios, que se reflete geralmente em um modo de vida adaptado, com grande potencial para o enfrentamento aos desafios da crise ecológica sem precedentes que vivenciamos.

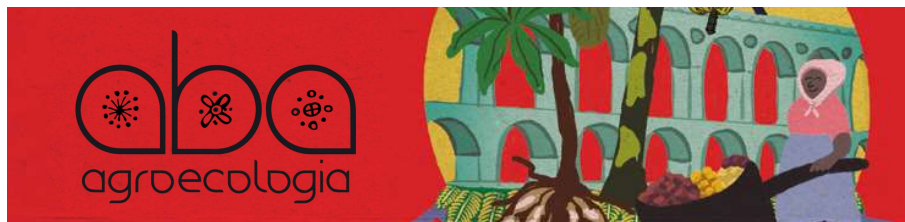
A crítica ecofeminista, de autoras como Mies e Shiva (1998), se alinha à perspectiva feminista decolonial que emerge em Abya Yala (América Latina), como feminismo comunitário. Julieta Paredes (2020) - escritora aymará boliviana, umas das precursoras do feminismo comunitário - explica que para descolonizar as relações de gênero, é preciso situar geográfica e culturalmente as relações de poder internacionais estabelecidas entre o Norte e o Sul e promover uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental valorizando o protagonismo feminino em seus contextos e comunidades locais.

Pensar as imbricações entre diferentes opressões, também aparece em trabalhos como de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) que analisam a perspectiva da interseccionalidade, defendendo-a como um conceito e ferramenta analítica que auxilia no entendimento de que os problemas sociais se constituem por mais de um eixo de subordinação - especialmente em sociedades marcadas pela diversidade. Além disso, em comunidades tradicionais como as quilombolas, mulheres possuem experiências que historicamente não tiveram visibilidade nos holofotes do feminismo eurocêntrico e muito menos na sociedade em geral. Assim, realizar esforços na compreensão da diversidade e pluralidade destas experiências é fundamental para a construção de um conhecimento feminista que dê visibilidade para a atuação destas mulheres em seus territórios.

Nesta perspectiva, apresentamos aqui uma análise - a partir de uma reflexão crítica de vertentes do pensamento teórico feminista - sobre a atuação política, o papel sociocultural e a contribuição das mulheres da comunidade “Quilombo de Thiagos” em Ribeirão do Largo - Bahia, para a promoção de uma sustentabilidade de base agroecológica que atenda aos anseios comunitários locais.

Metodologia

A comunidade denominada “Quilombo de Thiagos”, situada na zona rural do município de Ribeirão do Largo, Bahia obteve seu reconhecimento pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2009 (BRASIL, 2023), todavia existe há pelo menos 100 anos. Seu nome foi designado em homenagem à Thiago Silva Lima, de



ancestralidade africana, que juntamente com sua esposa Ermelina Modesto da Silva de ancestralidade indígena, fundaram a comunidade.

A presente pesquisa foi estruturada adotando-se os enfoques epistemológicos da teoria da interseccionalidade, do ecofeminismo e do feminismo decolonial. Por meio da pesquisa empírica e qualitativa (JOHNSON, CHRISTENSEN, 2019) e de uma abordagem etnográfica (ANGROSINO, 2009) foram feitas observações participantes, entrevistas, bem como a participação em atividades cotidianas da comunidade entre 03 a 10 de setembro de 2022 (de modo contínuo).

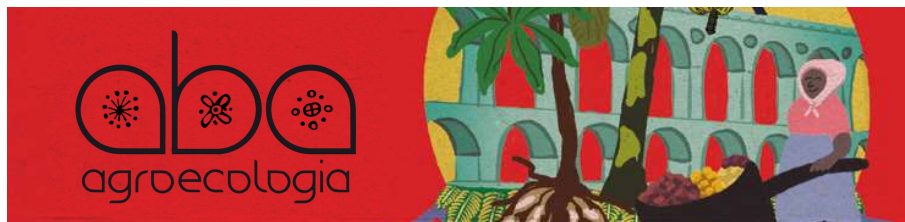
Nesta comunidade, foram feitas observação-participante e entrevistas semiestruturadas com 16 mulheres com idade acima de 18 anos, com o suporte de roteiro de entrevistas, caderno de campo e *smartphone* para gravação de áudio e fotos. E seguindo as premissas éticas da pesquisa, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo solicitada a assinatura das participantes, quando demonstravam desejo em participar da pesquisa.

O presente trabalho está inserido no contexto das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Sete Cascas - Núcleo de Permacultura Sete Cascas da UESB, utilizando alguns dados parciais obtidos na tese de doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB) em andamento, da primeira autora, intitulada “Mulheres e as plantas medicinais: memória e etnobotânica na comunidade ‘Quilombo de Thiagos’ de Ribeirão do Largo – Bahia”, cujo projeto foi submetido ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) da UESB, obtendo sua aprovação segundo parecer do relator, número 5.176.457 de 2021.

Resultados e Discussão

As mulheres entrevistadas fazem parte de uma mesma e grande família que constitui o Quilombo de Thiagos. O fato de todas possuírem laços consanguíneos diretos ou por seus cônjuges é algo bastante marcante. “Aqui todo mundo é parente” é uma fala recorrente nas entrevistas e sintetiza a importância dos laços na comunidade e que permeia todas as suas relações. O Quilombo de Thiagos é formado, atualmente, por 137 pessoas, destes 78 são homens e 59 mulheres. Desse total, conforme informações obtidas através do trabalho de campo, apenas 8 não se reconhecem como quilombolas e a comunidade conta com 48 casas.

Importante destacar que a comunidade escolheu a perspectiva da Agroecologia como estratégia produtiva na comunidade e atualmente se encontra em processo de transição agroecológica. Neste contexto, uma das dificuldades destacadas por uma das mulheres entrevistadas se refere ao fato da comunidade ainda não possuir a certificação do INCRA com a titulação coletiva da terra. Segundo ela, existem várias comunidades que são reconhecidas pela Fundação Palmares, mas não têm ainda seus territórios devidamente certificados pelo INCRA. Para ela, isso é um grande desafio para o território, pois possibilita que pessoas externas comprem terra ali



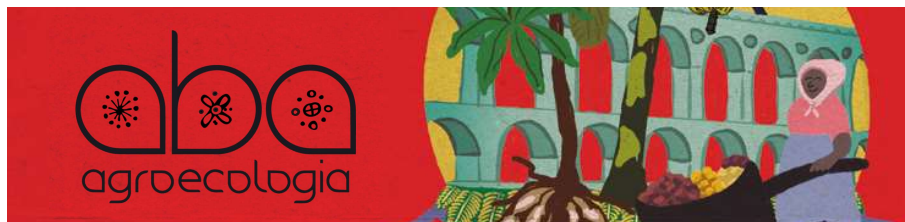
dentro, o que já aconteceu. Ações de uma destas pessoas, por exemplo, provocaram impactos ambientais na fonte de água da comunidade.

Através da atuação da liderança comunitária, a comunidade se articula com diversas instituições regionais, e conta com o apoio formal da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (campus de Itapetinga), onde diversos setores atuam junto à comunidade, entre eles o Sete Cascas- UESB em intercâmbio de temas no âmbito da permacultura, agroecologia e estratégias produtivas de sistemas agroflorestais. Sobre esta parceria, uma das entrevistadas relatou que “Vou falar pra você que aquela visão ali do Sete Cascas, mudou tanto a cabeça do pessoal. Porque assim: Até então falar que era possível produzir várias coisas numa área que um não interferia no desenvolvimento do outro, né? Era uma coisa. Mas quando eles chegaram lá e viram que era possível, mudou totalmente a mentalidade”.

Outro exemplo de avanço neste contexto é o acesso da comunidade ao edital do projeto Bahia Produtiva para Comunidades Quilombolas, do Governo do Estado da Bahia no ano de 2018. Segundo uma das entrevistadas “Nunca tinha saído edital específico em que comunidades quilombolas concorressem só entre comunidades quilombolas”, o que representa para ela um grande avanço porque a comunidade que não se adequava ao perfil solicitado em editais anteriores. Através desse edital a comunidade tem acessado assistência técnica para a produção agroecológica de alimentos - foco em hortaliças - sem a utilização de agrotóxicos. Sobre a preocupação com a produção agroecológica, umas das entrevistadas relata que “Sim. Uma das preocupações nossa, é essa, né? Que todo mundo que produz, já planta hortaliça e tudo, né? É tudo já sem veneno, né? É uma das questões que a gente tem muito... graças a Deus, dentro da comunidade não temos problemas com veneno”. Além disso, elas relatam também sobre o uso de fertilizantes naturais e sobre a importância do Agente Comunitário Rural que é um jovem quilombola, que presta assistência técnica através do financiamento do edital Bahia Produtiva e tem papel de destaque especialmente para lidar com desafios como a cultura da queima.

Uma das entrevistadas ressalta que “É uma questão que a gente tá lutando, porque o pessoal tinha muita aquela questão aqui, que eles tinham o hábito desde antes, de cortar o mato, aí juntar e queimar, né? E pelo contrário, né? Desperdício e ainda matando os microrganismos da terra, né? Tirando toda aquela adubação natural e tudo. Hoje não, hoje o pessoal já está usando, né? Assim, há um tempo atrás que começou a usar a questão das folhagens, as árvores, podar e deixar lá. Depois tomba aquela terra com trator e mistura na terra e tudo isso já está bem melhor nessa questão”.

No que se refere especificamente à questão da articulação das mulheres, destacamos que a comunidade realiza muitas atividades coletivas, como bingo beneficente, roda de samba, grupos de orações nas casas, campanhas de saúde, dentre outras, e as mulheres do quilombo estão sempre à frente, seja a frente das atividades promovidas pela escola (através da professora), seja a frente das



atividades políticas culturais (através da liderança comunitária), seja a frente das campanhas de saúde (agente comunitária) ou a frente das atividades religiosas. Podemos destacar assim que o cuidado não ocorre apenas nos seus lares, mas também a nível comunitário. Silva (2020) salienta que as mulheres quilombolas exercem em suas comunidades um papel fundamental, pois elas transmitem oralmente, de forma predominante, os valores culturais, sociais, educacionais e políticos para a juventude sendo as guardiãs da pluralidade de conhecimentos presentes nos territórios quilombolas. Destarte, colocamos em evidência o comprometimento das mulheres quilombolas com suas comunidades destacando o cuidado do outro como inerente ao cuidado de si.

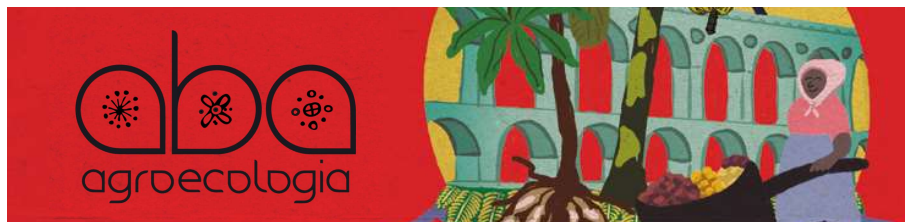
A adoção dos marcos teóricos epistemológicos do feminismo decolonial, ecofeminista e interseccional permite que possamos compreender melhor a atuação destas mulheres, por se tratarem de mulheres negras de ancestralidade afroindígena. Utilizando estes marcos teóricos é possível compreender que as relações de gênero nas comunidades tradicionais, nem sempre operam como em outros contextos (de mulheres brancas, de classe média, ocidentais etc). No Quilombo de Thiagos, as mulheres quilombolas são as principais lideranças políticas da comunidade, assim como em outras comunidades quilombolas no Brasil porque as mulheres negras sempre atuaram na luta por suas comunidades, liderando as lutas contra a escravidão e após ela, assumindo frequentemente a chefia das famílias. Além disso, se tratando de território, nesses espaços a relação com a terra é vital, a defesa do seu território, da natureza que as cerca é uma preocupação constante e aparece na fala das entrevistadas.

Partindo da premissa de que a exploração da natureza e das mulheres são reflexos da opressão de um mesmo sistema de desenvolvimento capitalista, onde se interseccionam o racismo, o colonialismo e o patriarcado (MIES, SHIVA, 1998), percebemos aflorar um movimento crescente de reflexões e produções técnico-científicas sobre o valor e a importância da reflexão crítica do ecofeminismo, do feminismo decolonial comunitário e suas intersecções na construção e no resgate de conhecimento sobre outras realidades possíveis para a sustentabilidade da vida.

Dentre outras definições, assumimos a sustentabilidade como a forma através da qual diferentes comunidades em várias escalas vislumbram e buscam o bem-estar natural (MILLER, 2014), a partir deste conceito podemos pensar que tal sustentabilidade baseada nos princípios agroecológicos deve ser altamente dependente dos contextos locais dos territórios.

Conclusões

Percebemos que o ecofeminismo, o feminismo comunitário decolonial se configuram como um horizonte de esperança para os territórios quilombolas, em especial, para a promoção da sustentabilidade local a partir da Agroecologia, pois existe um grande potencial de ação a partir do fortalecimento e da efetiva participação das



mulheres nos projetos comunitários. A partir da análise interseccional também foi possível compreender melhor a atuação política destas mulheres dentro de seus territórios, e perceber que no Quilombo que Thiagos, as mulheres são ativas na construção de sua perspectiva de mundo. O que se reflete na atuação em diversas dimensões importantes do modo de vida comunitário, desde a reflexão, proposição e coordenação das estratégias de cultivo, produção, manejo e beneficiamento da produção de alimentos, até as iniciativas de educação e cuidado. Atuação que fortalecem seus vínculos sociais e a sustentabilidade de seus modos de existir alinhados com a proteção da vida e da natureza. Neste contexto, a atuação das mulheres é fundamental dentro da comunidade, e dentre outros motivos, isto se deve principalmente ao fato de estarem mais fortemente vinculadas ao cuidado coletivo e mais presentes dentro da comunidade.

Referências bibliográficas

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

BRASIL. Fundação Cultural Palmares. **Certificação Quilombola**. Certidões expedidas às Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs) publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 20/01/2022. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551 Acesso em: 26 fev. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

JOHNSON, R. Burke; CHRISTENSEN, Larry. **Educational research: Quantitative, qualitative, and mixed approaches**. SAGE Publications, Incorporated, 2019.

MIES, María; SHIVA, Vandana. **La praxis del ecofeminismo: biotecnología, consumo y reproducción**. Icaria Editorial, 1998.

MILLER, Thaddeus et al.. The future of sustainability science—a solutions-oriented research agenda. **Sustainability Science**, v. 9, p. 239 – 246, 2014.

MOREIRA, Rodrigo Machado; CARMO, Maristela Simões S. Agroecologia na construção do desenvolvimento sustentável. **Revista de Economia Agrícola**. São Paulo, v. 51, n. 2, p.37-56, 2004.

PAREDES, Julieta. **Para descolonizar el feminismo: 1492 – entronque patriarcal**. Bolívia: Feminismo Comunitário Abya Yala, 2020.

SILVA, Givânia Maria da. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, p. 51-58, 2020.

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida: mujer, ecología y supervivencia**. Tradução Instituto Tercer Mundo. Madrid: Horas y horas, 1995.